

V.F., rue de la Caoune, Le Vieux Village, 84440 Robion. Tel: (90) 717242 6/1/82 **A**  
M.Vargas, Themag, rua Bela Cintra 986, 15º, 01415 S.Paulo. **142**

Meu caro Milton, em aditamento a minha carta de 3 mando-lhe um mito, "A incarnacao", que talvez seja mais apropriado para a publicacao que a critica sobre o Ingold, e a qual trata do mesmo assunto. Fac-o, porque acabo de receber um exemplar do Folhetim de 6/12, enviado anonimamente. Contem meu artigo "a arte como embriaguez", que me parece ser condensacao do capitulo "Como nos embriagamos" da "Pos-historia", cujo manuscrito esta com Duas Cidades. De maneira que o circulo de giz caucasiano em torno da Folha parece finalmente rompido. Peco-te o seguinte: Diga-me quem mandou o artigo para a Folha? Se eles tem mais outros artigos meus? E se voce poderia mandar o artigo anexo para eles?

Sei que a leitura do artigo vai lhe causar raiva. Se ja minha "dessacralizacao" do Timeu fez com que te tinha subido o sangue a cabeça, como nao cuspir na minha cara, quando dessacralizo o judeo-cristianismo. Mas considere, antes de jogar a coisa no lixo: nao seria precisamente a dessacralizacao a forma sob a qual ainda podem aproximar-nos do sacro? Peco-te ainda o seguinte: no artigo fez um esforco estilistico para falar no nome Dele sem usar nem a primeira nem a terceira pessoa. Mas em portugues nao existe nem o "on", nem o "man", nem o "one", mas apenas a curiosa expressao "a gente". Pois eu precisei desse "a gente" para falar na humanidade. O resultado e contorcao estilistica que te peço controlar com tua intuicao mais imediata da lingua portuguesa.

Reorganizei a minha papelada, e redescobri os "contos fantasticos" que escrevi durante a guerra e logo depois dela. O artigo anexo e retomada desse fio deixado solto. Sou capaz de continuar deste geito ad nauseam, (nao minha, mas dos leitores). De maneira que a Folha seria ideal para a publicacao de tais fantasias.

Quanto aos teus artigos: entreguei os amazonicos ao Viki, o qual vai para S. Luiz neste dias, e vai com certeza telefonar-te. O ultimo Economist traz longa consideracao da Amazonia, (Ludwig, Tucurui, gado, minerais etc.), sem mencionar os posseiros. Se voce quizer, mando-lhe o recorte, (varias paginas, nem de tudo negativas). O teu artigo sobre Bec ja apareceu? Estou traduzindo, para possivel publicacao na Frencia. Quanto ao teu artigo sobre Godibert, ele nao foi para S.Paulo, por assumir a maison de la culture em Avignon, e talvez trabalharei com ele. Voce poderia mandar-me outro recorte?

A proposito dessacralizacao: O Alex escreve, corretamente, que a Polonia e prova da dialectica inerente nas ideologias. O poder dos operarios e camponeses para esmagar os operarios e camponeses, como o cristianismo como metodo para levar as almas ao inferno. Escreva sobre tal virada, se te der vontade. Por certo: tais reflexoes convertidas tem a ver com a leitura de Dostojewkij, (veja-se o Grande Inquizidor), mas estao no ar atualmente. Outro dia foram descobertos ossos em Jerusaleem, que datam do 2 a 3 seculo d.C. Evidentemente os cadaveres, (milhares), foram comidos por feras, mas nao se sabe se eram de judeus, de romanos, ou de invasores beduinos. Belo exemplo da virada. Hinc sunt leones.

Em tais tempos negros, como o foi o seculo 3 e como o e o nosso, devemos segurar-nos pela mao, nos os poucos, para nao perdermos o caminho. Estou te segurando, para nao perder-me.

Dostojewskij e o judaismo.

A Editora Inselverlag publicou ha pouco livro perturbador de Felix Philipp Ingold, sob o titulo epigrafado. O livro e perturbador por duas razoes diferentes. A primeira e que o autor conseguiu, gracias a leitura minuciosa dos textos dostojewskianos e gracias a confrontacao de tais textos com o seu contexto, fazer a demonstracao do fanatismo surrealista que o odio aos judeus pode alcançar em pensadores religiosos. A segunda razao da inquietacao provocada pelo livro e que o autor procurou defender Dostojewskij da acusacao de antisemitismo: como pode ser antisemita quem reafirma constantemente sua afinidade com o judaismo? Pois o autor conseguiu o oposto do por ele intendido: mostrou que o antisemitismo e precisamente uma das manifestacoes de tal afinidade. Neste artigo resistirei a tentacao de tratar do primeiro aspecto do livro. Embora a tentacao seja grande: Ingold mostra como pensador tao profundo como e e Dostojewskij retorce sua razao, sua honestidade e seu engajamento em valores nobres, afim que sirvam a desrazao, a mentira e a deshumanidade, e como retorce tudo isto precisamente porque tenta mergulhar em tais regioes obscuras e sinistras. Resistirei no entanto a acompanhar Dostojewskij em sua viagem rumo ao abismo do odio aos judeus, (e de si proprio), viagem que nada tem em comum com o antisemitismo chao dos seus contemporaneos russos, a nao ser certos aspectos do seu discurso pamfletista. O antisemitismo de Dostojewskij e para o antisemitismo dos pequenos burgueses alemaes como o cristianismo de Teresa de Avila e para o cristianismo das seitas americanas. Mas resistirei a tudo isto, e limitarei o presente artigo a consideracao do segundo aspecto do livro, por ser ele tao fascinante, por ele fazer com que a cabeç/gire tao violentamente, que o primeiro aspecto empalidece perto disto.

Ingold mostra que para Dostojewskij o judaismo e sobretudo problema religioso, e somente depois tambem problema economico, social, cultural e politico. Para ele os judeus sao sobretudo o "povo de Deus" e a "luz dos povos". E tal visao sua e, para ele, insuportavel. Insuportavel por duas razoes aparentemente opostas. E insuportavel, porque se opoe a sua fe no povo russo enquanto portador da salvacao da humanidade. E e insuportavel, porque se opoe a experiencia concreta que Dostojewskij tem dos judeus. A primeira contradicao e insuportavel, porque a mera existencia do povo judeu problematiza a "missao" do povo russo, e com isto a propria "identificacao" de Dostojewskij. Se ha judeus no mundo, qual e a razao de ser de Dostojewskij, este judeu de segunda ordem? A segunda contradicao e insuportavel, porque se os judeus se comportam como se comportam segundo a experiencia dostojewskiana, (se, em vez de serem santos, sao usurarios), como e possivel crer-se em missao Divina? Se ate judeus vivem vida pecaminosa, como pode esperar Dostojewskij, este judeu de segunda ordem, viver vida santa? Dostojewskij e antisemita, porque e insuportavel que existem judeus, e que os judeus sao como sao, e isto e insuportavel porque ~~XXXXXXXX~~ impede Dostojewskij de ser ele mesmo: judeu de segunda ordem.

O problema religioso posto pelo judaismo e problema para cristao profundamente crente como o e Dostojewskij, nao para judeu. De maneira que pouco importa que a visao dostojewskijana no judaismo seja enganada do ponto de vista judeu.

O que importa e que seja visao correta do ponto de vista do cristianismo: Quando Deus, em Seu amor infinito da humanidade, assumiu sobre Si os pecados do mundo, nao e que se encarnou simplesmente em "um homem", mas tornou-se judeu. Nao simplesmente um homem qualquer, um especimen indefinido da especie "homo sapiens": Deus tornou-se pessoa historica concreta, rabino talmudista da epoca do helenismo. A incarnacao Divina, este evento perfurador da historia, nao ocorreu "in vacuo", mas irrompeu em historia especifica, na do judaismo. Pois este fato o cristao crente deve assumir, e para que o assuma, o Credo afirma: "sub Pontio Pilato".

Mas o cristao crente nao pode assumir este fato. Trata-se de desafio que ultrapassa suas forcas. "Imitatio Christi" nao significa, assumido tal fato, simplesmente seguir determinado modelo abstrato chamado "Christo". Significa procurar seguir na vida quotidiana o modelo da vida de Jesus, essa pessoa historicamente concreta. Significa procurar tornar-se, entre outras coisas, rabino. Tornar-se "novo homem" significa tornar-se, entre outras coisas, judeu. Pois isto ultrapassa as forcas do cristao crente, porque se opoe ao seu condicionamento mais profundo, historico, cultural, social, inclusive biologico. Mas isto nao e tudo. "Tornar-se judeu" ainda seria possivel, se nao existissem judeus. Mas existem, e sao precisamente aquelas pessoas que se recusam, obstinadamente, serem cristaos. De maneira que "tornar-se judeu" significa, para o cristao, tornar-se como o sao aqueles que se recusam ao cristianismo. Nao se pode ser cristao sem se ter tornado judeu, mas nao se pode querer tornar-se judeu, porque os judeus nao querem ser cristaos. De modo que, por desespero, o cristao crente passa a ser antisemita: a existencia dos judeus o impede a seguir o modelo do Christo. E precisamente por causa da sua afinidade desesperada com os judeus que o cristao se torna antisemita. Ingold o demonstra, contra sua propria intencao, no caso de Dostojewskij. Mas o mesmo pode ser demonstrado em casos menos nobres, inclusive no caso de Hitler.

E claro que o antisemitismo dostojewskijano, (como todo antisemitismo), tem tambem aspectos proprios ao espaco e ao tempo. E, tambem, antisemitismo russo da segunda metade do seculo 19. Como tal, pode ser "explicado" economica-, cultural- e socialmente. Tais "explicacoes", (como a arendtiana), sao importantes. Revelam as funcoes inconfesses do antisemitismo. Mas tais "explicacoes" nao atingem o nucleo do problema, nucleo que Ingold conseguiu mostrar tao nitidamente no seu livro. saber: que o cristao crente e incapaz de assumir o fato que, ao Deus incarnar-se, se tenha tornado judeu.

Pois tal pensamento causa vertigem sobretudo em judeu, como o e o autor do presente artigo. Vertigem da qual nao ha saida facil. Pouco adianta, conforme ja disse, que Dostojewskij tenha tido visao errada do judaismo. Pouco adianta que sua visao do cristianismo tenha sido sectaria, "russofila". Pouco adianta que suavizacao do povo russo tenha sido, no fundo, visao nao-crista. Pouco adianta que a ambiguidade dostojewskijana face ao judaismo, ao cristianismo e ao povo russo seja reveladora da ambiguidade dostojewskijana face a si proprio. Pouco adianta, em suma, querer "dostojewskizar" o problema. Porque a grandeza de Dostojewskij reside precisamente no fato de ter ele elevado seus proprios problemas

em problemas gerais, validos para todos, e com os quais somos chamados a confrontar-nos. Ingold mostra que em Dostojewskij um cristianismo refletido, sofrido e profundamente vivenciado leva a antisemitismo brutal, mortifero, e auto-destruidor, e isto e valido para todo um tipo de cristianismo.

Pois judeu que queira compreender o antisemitismo, isto e: que queira compreender o "outro" com o qual vive, e chamado a acompanhar a reflexao, o sofrimento e a profunda vivencia dostojewskijanos. Mas isto e desafio que ultrapassa as forcas do judeu tanto quanto ultrapassa as forcas do cristao o fato de Deus ter-se incarnado em judeu. E desafio insuportavel. A leitura dos textos de Dostojewskij citados por Ingold, com sua metamorfose dos judeus em animais nojentos, com sua violencia assassina e seu "amor-odio" racionalizado, e sofrimento insuportavel. Nao apenas depois de Auschwitz, que e reconhecido como um dos resultados do odio dostojewskijano. Mas sobretudo porque, em tais textos, Dostojewskij e porta-voz daquela cultura da qual brotam todas as seivas vitais do proprio judeu. Da cultura judeo-crista. De modo que o antisemitismo auto-destruidor de Dostojewskij tem por contra-partida a auto-destruicao do judeu.

Tal espelhar diabolico nao pode ser superado, a nao ser que as demais culturas, violentadas pela judeo-crista, venham a varrer, em sua justa ira, a nossa cultura da face da Terra. A contradicao diabolica se revela, no antisemitismo, como sendo a propria mola que propole a nossa cultura. De modo que o livro de Ingold, longe de ser mera critica literaria de um escritor e publicista russo do seculo passado, e, na realidade, uma entre as articulacoes apocalipticas que caracterizam a atualidade. Leitura extremamente "atual" portanto.